

Jornal de Notícias

Crimes em Aveiro

Eu sei que sobre questões de segurança há que ter algum cuidado no modo como se "põe a boca no trombone". Sei que assim é (sobretudo) quando falamos de roubos, assaltos e coisas bem piores, mas também sei que silenciar ou desvalorizar um (qualquer) problema é o melhor modo de não o resolver. Vem isto a propósito de nos ter sido revelado que, em 2005, no distrito de Aveiro se registaram tantos crimes como em Coimbra, Viseu, Guarda e Castelo Branco juntos. Para além disso, quer em termos de sinistralidade rodoviária, quer em termos de criminalidade violenta, Aveiro registou o dobro e o triplo das mesmas ocorrências registadas em Coimbra.

Poderia descansar-me um pouco saber que o dr. Filipe Neto Brandão - governador civil de Aveiro - está atento à situação, mas assim não é, de facto. Vejo-o embrulhado em argumentações relativizantes e (nalguns casos) completamente descabidas, das polícias que registam e haveriam de ajudar a pôr cobro à situação. Vejo-o, pressuroso, a despistar - preventivamente - qualquer eventual dito de falta de meios que o Governo por aqui haveria de garantir.

Patrocínio

Do resto não saberei muito, mas da sinistralidade rodoviária sei um pouco e, por isso, admito que possa, ao nível do restante, estar a assumir-se o encolher de ombros, de responsabilidades e de competências que importava identificar, denunciar e resolver.

É que admitir, fazer e manter em serviço uma via de trânsito rápido atravessada por passadeiras simples nos acessos a um hospital, um parque e uma escola é grave, perigoso e já provocou danos. Para além disso, é (pelo menos) muito estranho que a Polícia nada cobre de quem a desrespeita e também nada responda a quem disso lhe dá devida nota.

Será pequeno e curto o exemplo mas são óbvias e pouco abonatórias quer as ilações, quer, sobretudo, as possíveis e incontroversas extensões. Espero que não seja necessário esperar pelos resultados de 2006 para aprofundar e resolver as questões da segurança de quem, para quem fala (*1), ser atropelado, roubado ou, mais que isso, seja apenas e naturalmente o que pode esperar quem viva no litoral, perto do Porto, quem circule, quem trabalhe, granjeie e tenha alguma coisa de seu. É o que se pode inferir do que diz, quem fala (*1) "Onde não há para roubar, não há crimes", o que não é o caso do opulento "litoral", com suas sinistrantes "duas vias estruturantes", na "proximidade do Grande Porto" gatunante.

Em Aveiro, a nova Câmara não herdou apenas coisas boas, nem as más são apenas as dívidas. Algumas das outras más que herdou têm a ver com um modo (até já um pouco) fora de moda de olhar, ver, sentir, querer, construir e gerir a cidade.

Demolir o edifício do gaveto norte-ponte do Largo Melo Freitas, para depois arrasar o respectivo quarteirão e assim rasgar uma "grande praça", que fosse do Canal Central à igreja de S. Gonçalo é disso um bom exemplo.

Esperemos que agora, quando a (nova) Câmara manda retirar os escombros (e os taipais que os encobriam), pavimentando o piso remanescente, não esteja nem a assumir erros passados, nem a dar mais uns metros ao dito largo. Esperemos que esteja só a ganhar tempo e a dar segurança a quem por ali está ou por ali circula.

Não pretendendo tomar o lugar nem da Comissão Municipal do Património Edificado, nem da Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro (ADERAV), que por certo sempre terão (pelos vistos) infrutiferamente (quer no passado recente, quer agora recentemente) lutado contra tais propósitos e obras. Gostaria, apenas, de ser capaz de explicar o muito que vai mal em tudo isso.

Uma das maiores virtualidades de um espaço urbano é a de gerar uma visão serial da imagem urbana; ou seja, é a capacidade que tem de dar origem a diferentes e inter-relacionadas cenas urbanas que se vão desvendando num tempo e num espaço de um particular percursor.

As memórias e as marcas das vidas urbanas nos sítios são essenciais à vida e ao futuro dos lugares; ou seja, sem passados são incompreensíveis os presentes e dificilmente se constroem futuros coerentes e compreensíveis para os respectivos destinatários.

Os centros das cidades, para o serem, precisam de densidade densidade de ocupação, de uso, de actividades e de fruição. Para além disso, precisam, também, que essas densidades ocorram nas várias horas do dia (e da noite) e dêem origem a redes e laços que unem os residentes e os utentes entre si, e ao sítio, tornando-o num lugar do qual as pessoas se apropriam chamando-o de seu. Finalmente, para que tudo assim possa ser, é indispensável que as pessoas compreendam o(s) espaço(s) e o lugar e que uns e outro ofereçam beleza, apazibilidade e um alto grau de segurança passiva.

O que acontece é que demolindo, arrasando e rasgando o troço de tecido, espaço e vida urbana em causa, não só nada disto se consegue, como também não se obtém uma "praça" veja-se o que (agora) temos frente ao museu.

Será que o crime compensa? Se assim for, quem serão os compensados? Erga(m) o(s) réu(s), para que o(s) possamos julgar.

(1*) ditos de comandantes policiais e do governador civil de Aveiro, conforme imprensa de Fevereiro de 2006

publicado a 2006-03-02 às 00:00

Para mais detalhes consulte:

http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=539151

GRUPO CONTROLINVESTE

Copyright © - Todos os direitos reservados